

O povo que domesticou o sol



Eduardo Alirio Mojica Nava

Nasceu na cidade de Cúcuta em 1979, onde cursou ensino primário e secundário. Se formou em Engenharia Eletrônica na *Universidad Industrial de Santander* na cidade de Bucaramanga. Fez doutorado em matemáticas aplicadas com uma tese sobre dinâmicas não lineais na Escola de Minas de Nantes, na França em cotutela com a *Universidad de Los Andes* na Colômbia no ano 2010. Atualmente é professor titular do departamento de Engenharia Elétrica na *Universidad Nacional de Colombia*.

Água cristalina começa a sair da mangueira, o teste foi bem-sucedido. O sistema de purificação de água por meio de energias renováveis funciona. Está quente e o sol está começando a se pôr atrás das grossas montanhas de um verde escuro. Alguns aplausos caíram das poucas testemunhas que permaneceram até o final da montagem.

Poderia se pensar que estamos descrevendo o final do filme “O menino que descobriu o vento”, quando William Kamkwamba, o garoto protagonista de treze anos de Malawi, conseguiu fazer funcionar um sistema de bombeamento alimentado com um aerogerador para levar água potável à sua aldeia pela primeira vez. No filme, vemos o culto ao sacrifício do menino e uns poucos colegas, que, em um ambiente com as condições mais extremas possíveis, consegue ser o herói que salva sua

família. Ficamos comovidos porque uma criança, sem ajuda além de seus amigos e um pouco de quinquilharia velha, seja capaz de tal realização.



Depois de assinar o Acordo de Paz na Colômbia em 2016, a vida de centos de colombianos percorre nos espaços territoriais de capacitação e reincorporação (ETCR), nos quais fazem a transição à vida civil junto a suas famílias. / Imagem: Andrés Gaviria

Mas não, não estamos no Malawi, estamos na Colômbia e aqui não há nenhuma criança para salvar a família com um rádio antigo. Não posso lhes dizer o lugar em particular por razões de

segurança, porque aqui o culto ao herói não se paga justamente com filmes de Hollywood. Esta é uma área isolada e abandonada do estado que há muitos anos sofre um conflito armado, que nem mesmo lembra como começou. Assim, existem várias áreas no país: após a assinatura do acordo de paz, foram criadas com o objetivo de reincorporar os ex-combatentes à vida civil através de pequenos núcleos habitacionais conhecidos como **espaços de formação e reintegração territoriais (ETCR)**. Eles deveriam ser lugares temporários, que serviriam como uma transição para a vida civil.



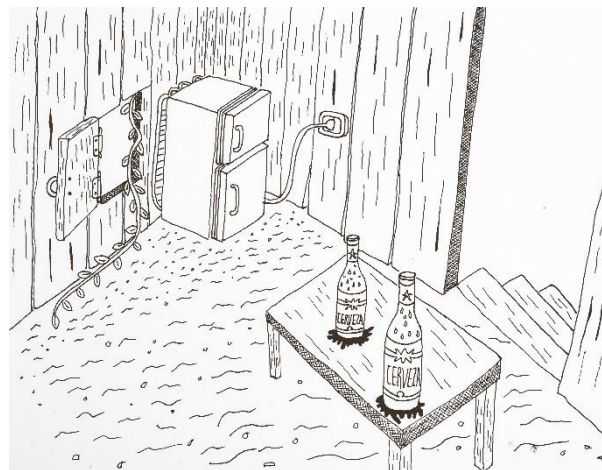
Os habitantes das zonas de transição à vida civil sabem como fazer o tratamento d'água que consomem, por isso consideraram mais importantes as soluções para a geração de energia. / Imagem: Andrés Gaviria

Então, estamos em um município que tem uma ETCR por perto e a maioria das famílias tem saído para se instalar em casinhas de madeira. Há dois anos começou um projeto de energização patrocinado pela **Organização das Nações Unidas (ONU)** e, devido às condições ambientais, a energia solar foi preferida, já que ao contrário do menino que descobriu o vento, aqui há pouco vento e muito sol. Na fase de concepção do projeto, trabalhamos com a comunidade para estabelecer seus interesses e o que considerava ser a principal necessidade em serviços básicos. Ao contrário dos engenheiros, que achavam que a comunidade precisava de água potável, a comunidade priorizou a eletricidade, pois a maioria das famílias tem celular, rádio, geladeira e algumas até televisão. Pelo contrário, a água foi tratada à sua maneira desde sempre. No final, optou-se por colocar kits solares em cada casa habitada, a estrutura era de madeira com a condição de que pudessem ser desmontadas e transportadas como se fosse mais um eletrodoméstico da casa, tudo ficou modular. Devido à incerteza da situação, a mudança para outro território é evidente e eles não querem perder sua fonte de energia. Soluções

locais de purificação de água movidas a energia solar também foram implementadas, mas isso não gerou o mesmo entusiasmo de poder carregar o celular.

“Para nós é muito importante entender como esses painéis são montados e desmontados”, disse Dom Rogelio com insistência. “Não sabemos se a qualquer momento temos que sair e levar o que pudermos”, continuou ele com a cara de quem sabe o que é deixar tudo e fugir. “Você está preocupado com a permanência dos sistemas de purificação de água? Eles não podem ser portáteis”. Um aceno de cabeça e um sorriso tranquilizador. “Sempre soubemos tirar e tratar a água, aqui somos todos estômagos duros”, disse ele brincando enquanto apontava para o engenheiro que viera de Bogotá para coordenar a instalação.

Poucos aplausos ao ver a água cristalina saindo da mangueira. Don Rogelio olha para fora e convida o engenheiro para tomar uma cerveja gelada, as primeiras a sair do pequeno refrigerador novo movido a energia solar.



Depois de deixá-la instalada e funcionando, da nova geladeira saíram duas cervejas geladas para brindar pela chegada da eletricidade portátil à comunidade. / Imagem: Andrés Gaviria

Edição: Ángela Gutiérrez C.

Colaboração: Ana Marcela Hernández, Amanda Cantarute, Isabela, Machado, David González.

Citação: Mojica, E. 2021. *O povo que domesticou o sol*. Revista Bioika, edição 8.

Disponível em:

<https://revistabioika.org/pt/o-leitor-escreve/post?id=130>